Acervo ISA

Folhetim 27.8.78

Fotos de Jair Amorim

OS ÍNDIOS da terra sem males

por Luiz Egypto

que tragédia é essa que cai sobre todos nós?
que tragédia é essa que cai sobre todos nós

○

Desde a expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1767, os índios guaranis que viviam nas Missões — ali onde Brasil, Argentina e Uruguai é tudo a mesma coisa — dividiram-se em dois grandes grupos: um, fundiu-se com a população rural da região ou emigrou para o Paraguai; o outro ganhou a mata, juntando-se aos guaranis ainda independentes.

Os que ficaram, viram sua vida tribal se despedaçar aos poucos. Era o momento da intervenção dos conquistadores que chegavam à região para tomar posse da terra e explorar a erva-mate abundante. Os outros, que ainda mantinham sua unidade, foram tomados de um acesso místico e, liderados pelos pajés, partiram em grandes levas na direção do litoral, em busca de um lugar paradisíaco denominado Terra Sem Males. O fim do mundo estava próximo e a salvação seria encontrada na Terra Sem Males, o paraíso além-mar. Tomaram a direção do norte e foram se espalhando. Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Suas trilhas ainda não cruzaram o caminho definitivo do tal lugar...

○

"Ao longo dos anos, a sociedade brasileira encontrou caminhos naturais e pacíficos para a convivência de diversas raças que vêm formando esta grande Nação. (...) Em território tão vasto, a unidade nacional e o espírito de brasilidade, presentes em todos os quadrantes do País, chegam a causar a admirção de outros povos do mundo." (Mauricio Rangel Reis, Ministro do Interior, na CPI sobre política indigenista. Câmara dos Deputados, novembro 1977)

○

São Paulo. Na periferia da cidade, bem ao sul, a 12 quilômetros da localidade de Parelheiros. Depois de um emaranhado de estradas de terra, uma plaquinha tímida pendurada num ipê indica: Vila Guarani. Ali, às margens de um braço da represa Billings, vivem sete famílias índias, 42 descendentes dos donos naturais das terras do sul.

Vivem? Fazem muito em sobreviver.

Quem chefia é o cacique Nivaldo, trinta e poucos anos, e que teve o cargo ganho numa reunião — democrática — em que seu pai, Eduardo, lhe passou a responsabilidade do mando por não ter condição de continuar comandando sua gente. Eduardo, cego de uma vista, faz machadinhas, arcos e flechas, que vende em Santo Amaro ou Osasco. Com o dinheiro conseguido na venda das peças, compra cachaça. Costuma passar os fins de semana absolutamente bêbado. Também por isso, não é mais chefe.

Nivaldo, o cacique

que tragédia é essa que cai sobre todos nós?
que tragédia é essa que cai sobre todos nós?

○

Vivem do trabalho. À direita de quem chega no grupo de casebres, está o milho e a banana. Do outro lado a mandioca. Atrás da casa de Nivaldo está o feijão, mais abaixo o abacate, o mamão. E a batata doce.

— Ano passado veio gente aqui fazê canto pra plantá milho e feijão. Mais aqui é difícil deles vivê purquê chove muito. Nesse mêis geou até.

Os guerreiros, suas mulheres e crianças, vieram da reserva de Palmeirinha, no Paraná. Uma escala a mais na sua caminhada de séculos. De Palmeirinha um grupo grande resolveu subir (procurando a Terra Sem Males? Nivaldo ri da pergunta) mais para o norte. Deste grupo, uma parte ficou em Peruibe, no litoral paulista, e a outra, a menor, se fixou onde hoje está a Vila Guarani.

Estão há quase 10 anos no lugar. O grupo era maior, mas uma parte preferiu voltar para Palmeirinha.

E vocês têm notícias de lá?

— É... a vida lá anda mais ou menos. O bom de lá é que a roça é grande. Uma família tem 9 alqueires pra cultivá. Aqui nóis tinha cinco, mais o dono vendeu uma parte e agora só tem dois.

A terra onde vivem os guaranis de Parelheiros pertence a um japonês, Jasu Kiko Kugo. Em um documento em poder de Nivaldo — caprichosamente guardado numa carteira de plástico — está escrito o testamento do proprietário. Escrito em japonês, com os caracteres dispostos em colunas verticais. Em português, só o essencial: Se morto, meu terreno da barragem será de índio guarani. E a assinatura.

Sua cultura se perde

○

... a sociedade oferece condições a todos para a desejada ascensão social. Não discrimina entre negros e brancos, entre ricos e pobres. É claro que a posição de cada grupo apresenta diferentes oportunidades de acesso. (M. Rangel Reis, idem)

○

São onze casas espalhadas pela área. As terras em volta são divididas entre loteamentos, sedes campestres de clubes da Capital e os trabalhos de desativação de uma ferrovia. Pergunto ao cacique Nivaldo se ele tem segurança quanto à posse da terra. Como é uma área que se valoriza rapidamente, quero saber se o documento que ele tem é o bastante para defender o espaço de sua gente.

E a escritura definitiva, Nivaldo? Não seria bom providenciar a escritura definitiva?

— Acho que a "cristura" tá por aí mesmo.

Enquanto conversamos, um curumim se enrosca nas pernas de Nivaldo. Era um de seus filhos. Percebendo o movimento, o avô do menino, o antigo cacique Eduardo, aparece gritando em português:

— O papagaio sem vergonha! Não deixa os mais véio falá.

Neste momento aparece um Volks vermelho, resfolegando pela trilha que leva à vila. De dentro dele saem dois brancos — um homem e uma mulher — e dois índios. O homem branco começa a descarregar roupas e brinquedos para os habitantes da vila, que estão a essa altura todos em volta do carro. O branco chama-se Luís Carlos Bezerra da Silva, e se diz "propagandista profissional", com escritório no Jardim Brasil, do lado oposto da cidade. Diz que há seis anos ajuda os índios, fazendo campanhas nas universidades, junto a quem possa ajudar a arrecadação de roupas e utensílios para as comunidades de Vila Guarani e da aldeia Rio Branco, em Peruibe.

O branco mostra um cartão expedido pela 4ª Delegacia Regional da FUNAI, com sede em Curitiba. Nele, a FUNAI pede a boa vontade das autoridades municipais e do Fisco para com as promoções e vendas de artesanato organizadas por Luís Carlos.

Um porta-malas cheio de roupas.

— Toma aí, irmão, vai segurando...

— Quem serve leva, quem não serve deixa pra outro... — diz o velho Eduardo.

○

que tragédia é essa que cai sobre todos nós?
que tragédia é essa que cai sobre todos nós?

Entre si, os índios só falam a língua guarani. E vão levando a vida, segundo o cacique.

— É tratá família, cuidá família. O governo tem muito dinheiro e não manda dinheiro. A gente pede pra cá a força da luz (eletricidade), mais ninguém feiz nada.

Nivaldo é Karais na sua língua. Todos eles têm dois nomes.

— Pra contar no branco tem que ter nome de branco.

No mês de setembro começam a pescar. Aquela parte da represa tem muita tilapia, traíra e bagre.

Suas festas — como sua cultura — se perdem.

— É meio difícil. Cabou já. Sumiu.